

Universitários vão à escola – um olhar decisivo

¹Marconi de Paiva Lenza

Resumo

O presente artigo tem como escopo inicial a apresentação do projeto de extensão de ação contínua e organização não-governamental UVE, assim como a descrição de algumas atividades realizadas no primeiro semestre de 2011 de modo a tornar mais claro o papel do projeto na sociedade. A seguir, será abordado o tema da violência como forma de opressão e exclusão social – ou melhor, os vários tipos de violência presentes no contexto de Itapoã (DF) e na própria educação, de modo a proporcionar uma reflexão sobre os métodos atuais de ensino e seus propósitos. A educação será vista como uma forma de democratização de um direito próprio de todos enquanto parte da sociedade e requisito para o exercício da cidadania. Essa educação é parte indelével na construção de uma ponte para o desenvolvimento da autonomia e cidadania das crianças e adolescentes da comunidade, de modo que elas consigam, por elas mesmas, serem atores na mudança que ocorre continuamente no mundo e em suas vidas.

Palavras-chave: *Educação; Violência; Direito; Itapoã; Cidadania; FDUUnB; Psicologia.*

1. Uma breve introdução à UVE, aos projetos de extensão e ao tema

A UVE é uma organização não-governamental e também um projeto de extensão de ação contínua criada no ano de 2005 por estudantes de graduação da Universidade de Brasília (UnB). Os projetos de extensão de ação contínua “têm como objetivos o desenvolvimento de comunidades, a integração social e a integração com instituições de ensino”. Assim, a UVE não possui vínculos com entidades de qualquer tipo, sendo mantida pela ajuda dos próprios membros e pessoas físicas que compartilham a causa.

A ONG centraliza suas atividades na cidade de Itapoã – uma das trinta regiões administrativas do Distrito Federal, que além de ser uma das mais

1 Graduando em Direito pela Universidade de Brasília (UnB).

pobres, também possui altos índices de violência. A iniciativa do projeto surgiu após estudantes do curso de Direito da UnB terem conhecido de perto a comunidade itapoanense, que até então jamais haviam visitado. O foco principal da UVE são as crianças e adolescentes de Itapoã que, em sua grande maioria, fazem parte de famílias de baixa renda.

A extensão da UVE estimula os estudantes de Direito a levarem o resultado do ensino tradicional das salas de aula para fora delas. A observação e comparação do conteúdo ensinado e da realidade de fato promove uma análise crítica e construtiva do Direito. Daí o papel da extensão em tornar o conhecimento aprendido transdisciplinar.

A transdisciplinaridade, como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento. (Educação e transdisciplinaridade, 2000, p. 11)

A base do projeto remete-se ao *Direito Achado na Rua*. Nas palavras de José Geraldo de Souza Júnior: “(...) o intento é atribuir propriamente Direito ao que emerge de sua fonte material – o povo – e de seu protagonismo a partir da rua – evidente metáfora da esfera pública.” Em outras palavras, é um direito encontrado nas reivindicações da população e que encontra sua origem e efetividade na rua.

Ainda nas palavras de Souza Júnior, o *Direito Achado na Rua* vê duas dimensões de atuação: uma da razão e outra da sensibilidade. A condição da razão é poder atualizar os processos jurídicos conforme as mudanças sociais. A condição da sensibilidade é saber reconhecer o outro e perceber novas expectativas de novas subjetividades e de novas sociabilidades de novos Direitos.

A extensão é uma forma de vincular o ensino e a pesquisa, e por meio dela a universidade torna-se capaz de alcançar a sociedade. A UVE como todos outros projetos de extensão, por exemplo, mostram que o conhecimento não precisa estar ligado ao *campus*. O conhecimento aprendido pela dogmática tradicional é então confrontado com o mundo, resultando na criação de novos conhecimentos.

Como o próprio nome sugere, “extensão” implica estender. A extensão deve, portanto, promover uma ligação entre o aprendido nas universidades à sociedade – de onde se infere o papel social daquela.

A universidade é o lugar da prática democrática, pois nela é que os princípios, a sociedade e o futuro são pensados. Espera-se que a universidade esteja sempre além de seu tempo pois, em um ambiente em que o nível intelectual é bem superior à média da comunidade, o razoável é ter sempre a universidade como um modelo a ser seguido. Neste sentido, é relevante a responsabilidade da universidade para com a democracia e o Estado de Direito. (MALISKA *apud* FURMANN, p. 218)

Assim, o artigo em questão terá como finalidade descrever algumas das atividades realizadas no decorrer do ano de 2011. Será relatado um pouco da situação na qual os moradores da região vivem, as diversas formas de violência ali presentes, como um olhar crítico sobre esses tipos de poder influencia na percepção do indivíduo dentro da sociedade e, enfim, como a UVE utiliza de modos criativos para colaborar com a superação desse estado de exclusão social e construir a autonomia.

2. (cri)atividades para ilustrar o ano de 2011

Antes de começar, vê-se a necessidade de apresentação do projeto pedagógico da UVE, que trabalha com base na educação popular. O termo popular é usado pelo pedagogo Paulo Freire como sinônimo de oprimido, ou aquele que não dispõe de meios para o seu desenvolvimento social ou cognitivo. Em outras palavras, trata-se da educação pautada na realidade de determinado grupo, em especial aquele que vive sem as condições básicas para o exercício de sua cidadania.

Esse método incentiva o envolvimento de todos os participantes para que eles tenham oportunidade de ser protagonistas de seu desenvolvimento social e humano. Para isso, o método opõe-se ao ensino tradicional pelo modo de interação entre educador e educado. No ensino tradicional, o aluno é visto como mero espectador e o professor como detentor de todo o conhecimento. Desse modo, na educação popular todos dividem o palco na construção do saber – não há relação unilateral.

No ano de 2011, a UVE retomou suas atividades com a entrada de novos membros, como é costume em todos os semestres. A maioria dos integrantes vêm do curso de Direito, no entanto o projeto é aberto para todos os cursos. Há alguns, porém poucos, membros dos cursos de Psicologia, Administração e Relações Internacionais. De fato, ainda há um mínimo conhecimento sobre a UVE no *campus* universitário, mas aos poucos o projeto está crescendo.

O projeto realiza os trabalhos em determinados dias da semana: quintas, sextas-feiras e nos domingos. Assim, torna-se mais fácil dividir os membros em grupos para cada dia. Nas quintas e sextas-feiras há interação dos membros com as crianças e adolescentes – em sua maioria, de cinco a quatorze anos – enquanto os dias de domingo são também abertos aos pais para que haja um acompanhamento do progresso dos filhos e para poder conversar sobre diversos assuntos.

Dentre o que é proposto, podem ser citadas brincadeiras educativas, recreativas etc. Um exemplo do qual as crianças gostam bastante é o jogo da “Forca”, no qual são trazidas palavras de aplicação prática no cotidiano e também palavras de comum engano entre elas. Dos erros mais comuns: escrever “preda” (pedra), “jadrez” (xadrez) e “bassoura” (vassoura). Palavras como “semáforo” ou “maçaneta” nem sequer eram conhecidas.

Algumas outras atividades: reciclagem, brincadeiras e desenhos visando desenvolver a coordenação motora, trabalhos em equipe, trabalhos com cores e números, um pouco da geografia regional, do mundo e história. Além de complementar o que não é absorvido integralmente pelo ensino tradicional das escolas, as crianças desenvolvem o raciocínio lógico e associativo, noções de cidadania e mundo com os mapas, explicações e também contextualizam a história do Brasil.

Por questões práticas, as crianças² são divididas em grupos. Alguns membros trabalhavam com as crianças maiores, enquanto os outros trabalhavam com as menores – ou, como em diversas atividades físicas, os grupos são divididos por áreas de interesse. As tentativas de juntá-los em áreas que não possuem qualquer interesse a eles assemelharia-se muito ao método de ensino tradicional e logo resultaria na perda de interesse pela atividade.

Há também certas dificuldades na consecução dos planos. Por vezes, via-se que uma atividade falhava sem mesmo ter alcançado seu objetivo. Dentre o que é possível citar: a falta de interesse e consequente abandono das tarefas, dificuldade de concentração, frequentes conflitos entre as próprias crianças devido a diversos assuntos – tantas vezes pessoais. De qualquer modo, elas sempre compareciam nos dias programados, nem que fosse tão-somente para permanecer na casa.

Para elas, ir à UVE é melhor do que ficar em casa onde “não tem (sic) nada para fazer”, e mesmo na rua onde costumam andar de bicicleta e jogar futebol. Algumas crianças estão sempre ansiosas pelo lanche, outras só

2 Para evitar repetições desnecessárias, “crianças e adolescentes” serão referidas apenas como “crianças”, haja vista sua maioria na UVE

querem brincar. Todas sempre estão ansiosas por atenção, abraços apertados, “tios” e “tias”, e um pouco de diálogo. Depois de certo tempo de convivência, todos os membros-orientadores concordavam com a ideia: quando acompanhadas individualmente, as crianças passavam a se interessar mais pelo que lhes era proposto.

Com o tempo, os membros que nunca entenderam nada de pedagogia ou pouco lidavam com crianças, começaram a criar vínculos tão fortes com elas que acabavam por tornar-se amigos. Cada vez mais apegadas às dinâmicas, as crianças propunham atividades para fazerem nos próximos dias. Assim, criavam-se novos meios de aprender com o que dispúnhamos para usar, que era nada mais, nada menos que a vontade e imaginação dos grupos.

3. A opressão e a questão da violência como meios de exclusão social

“O pior dos problemas da gente é que ninguém tem nada com isso.” (Mário Quintana)

As crianças da UVE necessitam de bastante atenção; não só a nossa, mas também a da sociedade e principalmente de instituições governamentais. O projeto traz uma contribuição que pode se dizer grande se comparada à vontade por mudanças, no entanto é pequena face a quantidade de problemas a serem resolvidos.

O ambiente – como se sabe – possui grande influência no estilo de vida por elas seguido. Como comenta o psicólogo Richard Griggs acerca do processo de aprendizagem:

A aprendizagem observacional – aprender observando os outros e imitando o seu comportamento – desempenha um papel fundamental na aprendizagem humana (Bandura, 1973). [...]. Observamos os outros e, então, nos esforçamos ao máximo para imitar seus comportamentos. Muitas vezes, também aprendemos atitudes e maneiras apropriadas de expressar nossos sentimentos ao observar bons e maus modelos. (GRIGGS, 2009, p. 160)

Infelizmente, é um espaço onde não há grandes alternativas. Os programas de televisão, cada vez menos educativos, criam diferentes realidades com o falso intuito de criticar ações que não deveriam ser espelhadas pelos telespectadores – o que se vê é exatamente o contrário. Nos telejornais já se tornaram comuns notícias sobre desvios de dinheiro, violência, corrupção e

drogas. Esses assuntos, inclusive, são frequentemente citados pelas crianças durante as atividades.

Sem heróis na televisão para se espelharem, várias crianças são vítimas de violência direta nas ruas e mesmo em suas casas. Somando-se a isso, as condições de vida da população itapoanense são bem inferiores à do plano piloto em Brasília. Falta transporte coletivo de qualidade e em quantidade, hospitais, escolas, policiamento e fundamentalmente vontade dos governantes.

A violência direta, bastante presente no contexto de Itapoá, como já dito, pode se manifestar fisicamente ou, como consequência, psicologicamente. É a forma de violência mais comum que as crianças comentam frequentemente com exemplos – no contexto das tarefas que são realizadas. Dentre seus exemplos: *bullying*, xingamentos, socos, chutes e brincadeiras de mal gosto.

O que acontece de fato é bem mais complexo aos olhos das crianças, bem como aos olhos dos moradores da região em geral. Há certas formas de violência presentes na sociedade como se fossem invisíveis. Embora não seja possível vê-las tomar forma, a sua consciência é parte significativa no processo de inversão de valores que lá estão inseridas. Entre elas, serão tratadas a violência estrutural, indireta e as formas de violência inseridas no poder simbólico – não respectivamente.

A violência simbólica origina-se do poder simbólico, que “é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.” (BOURDIEU, 1989, p. 7-8). Essa forma de violência baseia-se na produção de crenças no processo de socialização. A pessoa passa a enxergar a sociedade e a si de acordo com critérios e padrões outorgados pelo discurso dominante.

O que acontece nas vidas das crianças não é algo fadado a acontecer. Ocorre por vários motivos, dentre os quais a crença reforçada pelo processo de *universalização e normalização* de estilos de vida tidos como ideais. A atenção dos governantes é então voltada para subsidiar esses estilos de vida de uma pequena parcela da população, enquanto os que ficam de fora permanecem à margem da “real sociedade”.

Apesar do discurso equalitário e democrático, o que acontece de fato é uma centralização de valores – o direito passa a ter um caráter unitário e voltado para aqueles que possuem meios de usá-lo a seu favor. Não há democratização quando as pessoas são privadas da garantia de seus direitos fundamentais, pois como o nome diz, esses são essenciais na construção da cidadania.

Ainda no contexto de Bourdieu, o poder simbólico – que implicaria uma forma de violência – se estende à educação (baseada no ensino tradicional), uma vez que essa segrega aqueles que não possuem capital cultural, linguístico e econômico, sendo essencialmente voltada para as classes mais altas. Desde o preço dos materiais, os meios de permanecer, ir e vir da escola e inclusive o vestibular – não se limitando apenas ao Brasil.

Os principais problemas da educação tradicional andam conjuntamente: o que está sendo ensinado e o modo como esse saber contribui para o desenvolvimento pessoal do indivíduo. Verdadeiramente, como afirma Pascal: “Não se ensinam os homens a serem homens honestos, mas ensina-se tudo o mais.” (*apud* MORIN, p. 21). Reforçando a ideia da UVE com o pensamento do antropólogo Edgar Morin:

A educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão. Um cidadão é definido, em uma democracia, por sua solidariedade e responsabilidade em relação à sua pátria. O que supõe nele o enraizamento de sua identidade nacional. (2003, p. 65)

Outra forma de violência que merece bastante atenção em Itapoá é a violência estrutural, sendo a mais fácil de se diagnosticar. Essa consiste na violência gerada por instituições dominantes e remete-se a injustiça e exploração daqueles que por ela são oprimidos.

A violência estrutural abrange as más condições de vida num bairro, ou numa cidade inteira, falta de empregos e bons salários, transportes públicos em pequeno número e em más condições, falta de educação de qualidade – influenciada pela má remuneração de professores, má qualidade do ambiente escolar, etc.

Por último, a violência indireta:

A violência pode ser direta ou indireta. É direta quando atinge de maneira imediata o corpo de quem sofre. É indireta quando opera através de uma alteração do ambiente físico no qual a vítima se encontra [...] ou através da destruição, da danificação ou da subtração dos recursos materiais. (BOBBIO, 2004, p. 1291)

Em outras palavras, essa violência ocorre quando as capacidades ou vontades são impedidas de se concretizarem dada a falta de recursos necessários ao desenvolvimento humano. As crianças da UVE, por exemplo, devem

pegar um ônibus para ir a escola na região vizinha porque não dispõem de escolas perto de casa. O dinheiro para alimentação é bastante limitado – para a diversão, esse nem sequer existe.

O resultado não poderia ser diferente: preocupadas em buscar meios de levar a vida, as pessoas são impossibilitadas de exercer sua cidadania e assim são oprimidas. As crianças, principalmente, tornam-se desinteressadas e desestimuladas a continuar seus estudos, pois preferem atividades que as satisfaçam primeiramente, como brincadeiras e o futebol – que é o esporte mais praticado entre as crianças.

Presente no contexto social das crianças, a violência (*lato sensu*) dificulta o processo de aprendizagem, assim como a possibilidade delas virem a se interessar mais profundamente por alguma atividade. Para exemplificar, a hierarquia das necessidades de Maslow (*apud* GRIGGS, p. 288) é representada por uma pirâmide. Nela, as necessidades fisiológicas estariam na base, seguidas pela necessidade de segurança, necessidade de pertencimento e amor, de estima e, por fim, de autorrealização.

Em outras palavras, para que a criança dedique-se a sua autorrealização, ela deve ter satisfeitos as outras necessidades apresentadas na pirâmide. A não realização das necessidades mais básicas compromete a aprendizagem e o interesse das crianças, já que se ocupam com os problemas de casa, a que hora vão comer etc. Os tipos de violência citados contribuem para isso porquanto são problemas que se relacionam diretamente com as crianças, dentro de casa e na escola, impossibilitando a criação de um meio propício a suas realizações.

4. As crianças de Itapoá e a educação transformadora

Dentro de alguns anos, as crianças da UVE já votarão em seus governantes, que deverão representar os verdadeiros anseios da população que representam. Na casa de Itapoá, há crianças que desejam ser jogadores de futebol e até juízes federais. Elas devem acreditar que qualquer sonho é possível, mas a mudança precisa começar por elas.

Embora com várias dificuldades, o projeto mantém seu objetivo de ser parte dessa mudança que desejamos que aconteça, de modo que as crianças sejam capazes de enxergar esses tipos de violência e não mais aceitem o estado de resignação outorgado pelos governos de nosso país. Para isso, a democratização da educação torna-se um poderoso instrumento nessa luta, na medida em que promove uma consciência crítica e emancipatória.

Entendemos que nos silenciar significaria deixar que uma minoria possua e se beneficie do que é de todos. Infelizmente, a conclusão de tudo isso está longe de ver-se concretizada. A educação, portanto, deve agir de forma *transformadora* e não como pressuposto para decorar-se conceitos capazes de dar boas notas em provas, posto que isso não muda o mundo.

A cidadania não pode ser ensinada com livros. Todo saber que não é colocado em prática será logo descartado. Usando um exemplo de Rubem Alves (2008), é como ensinar uma criança a falar, separando a linguagem em disciplinas. Se hoje houvesse aula de oxítonas, amanhã de paroxítonas e daí em diante, ninguém nunca aprenderia a falar. Da mesma forma, a cidadania deve ser vivida, como quando uma criança é solidária com a outra, quando elas criam regras para o melhor convívio na casa, obedecem à fila do lanche etc.

A UVE, com base na educação popular, tem o objetivo de chegar mais perto das crianças, ouvi-las e acompanhá-las no desafio de se enxergarem como parte integrante e transformadora do mundo. Como diz Rubem Alves, queremos uma escola retrógrada, artesanal, onde as crianças podem ver seu crescimento refletido naquilo que criam e não um sistema tradicional que insiste em querer “ensinar” conceitos de matrizes, pteridófitas ou ácidos n-butanóicos, que rapidamente serão esquecidos.

Um trecho da crônica “Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas”, também de Rubem Alves, ilustra de forma clara para que a ideia se conclua – ao menos por ora – os desejos da UVE como parte da vida das crianças em seu crescimento para que possam, por si mesmas, enxergar-se como partes fundamentais das dinâmicas e transformações de mundo:

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem de voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

5. Referências bibliográficas

ALVES, Rubem. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. São Paulo: Papirus. 11º ed. 2008. 120p.

_____. *Gaiolas e asas*. Disponível em: <<http://www.rubemalves.com.br/gaiolaseasas.htm>> Acessado em: 15/06/2011

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. v.1. 5º ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989. p. 2-16.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

UnB. *Tipos de extensão*. Disponível em: <http://www.unb.br/extensao/tipos_de_extensao> Acessado em: 03/06/2011

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FURMANN, Ivan. *Novas tendências da extensão universitária em Direito. Da assistência jurídica à assessoria jurídica*. Jus Navigandi, Teresina, ano 10, n. 627, 27 mar. 2005. Disponível em: <<http://jus.uol.com.br/revista/texto/6481>>. Acesso em: 10/07/2011

GALTUNG, Johan. *Violência, paz e investigação sobre a paz*. In: BRAILLARD, Philippe. Teoria das relações internacionais. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

GRIGGS, Richard A. *Psicologia: uma abordagem concisa*. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2º ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 432p.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SOUSA JÚNIOR, José Geraldo de. *Direito como liberdade: o Direito achado na rua: experiências populares emancipatórias de criação do Direito*. 2008. 338 f. Tese (Doutorado em Direito) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SOUZA JÚNIOR, José Geraldo de. *Direito achado na rua*. 29/05/2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=llma_atewiA> Depoimento concedido a Globo Universidade.

UNESCO. *Educação e transdisciplinaridade*. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001275/127511por.pdf>> Acessado em: 12/07/2011